

A EPÊNTESE VOCÁLICA EM CODA FINAL PRODUZIDA POR ALUNOS BRASILEIROS FALANTES DE INGLÊS COMO L2: UM ESTUDO-PILOTO PARA O ENSINO DE PRONÚNCIA

Antônio Xavier dos Santos (PIBIC/UEPB)

tonyaxds@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Leônidas José da Silva Jr (CH/UEPB)

leonidas.silvajr@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo destina-se a verificar e descrever um fenômeno realizado por falantes do português brasileiro (PB) como língua materna (L1) aprendizes do inglês como língua estrangeira (L2): o afrouxamento da coda silábica (ACC) (BISOL, 1999) e suas respectivas consequências na aquisição da L2. A esse afrouxamento de coda atribuímos o nome de *epêntese vocálica*.

De acordo com Crystal (2008, p.171), a epêntese constitui-se como a inserção de um elemento sonoro na palavra. No processo de aquisição de inglês como L2, entendemos como uma estratégia de reparo fonológico, onde haverá ou parece haver uma transferência de padrões silábicos do PB para o inglês.

Esta tentativa de reparo fonológico em que um falante tenta se aproximar foneticamente da língua alvo, foi chamada por Selinker (1972) de *Interlíngua*. Segundo o autor interlíngua é um sistema linguístico baseado em enunciação observável que resulta na tentativa do aluno em produzir uma norma da língua alvo.

De acordo com Brown (1994), a interlíngua consiste em um sistema baseado na melhor tentativa dos alunos em prover ordem e estrutura aos estímulos que estão a sua volta.

Temos com objetivo, através desse estudo, fazer uma análise de como surge a epêntese na coda silábica produzido na fala de brasileiros através da leitura de palavras na língua alvo. Aqui, tentaremos demonstrar a ocorrência do nosso objeto de estudo, descrever, como e porque esse fenômeno ocorre e mostrar uma possível solução.

2. METODOLOGIA

Para a coleta de dados utilizamos um app-gravador *Smart Voice Recorder* rodado no dispositivo *Samsung S3 Duos*. As gravações foram feitas na biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. Três alunos do 3º ano do ensino médio se voluntariaram a fazer a leitura das frases escolhidas pelo pesquisador.

Utilizamos a frase-veículo: “**Say the word X**” (neste caso “**X**” representa a produção fonética das palavras “**old**” e “**book**”). Depois de coletados, os dados foram rodados e analisados no programa computacional *PRAAT* versão 54.0.0. A partir daí, foi possível descrever, sob o ponto de vista fonético-acústico, o comportamento dos dados em relação à realização ou não da vogal epentética em coda – objeto de estudo do presente trabalho.

3. ANÁLISE & DISCUSSÃO

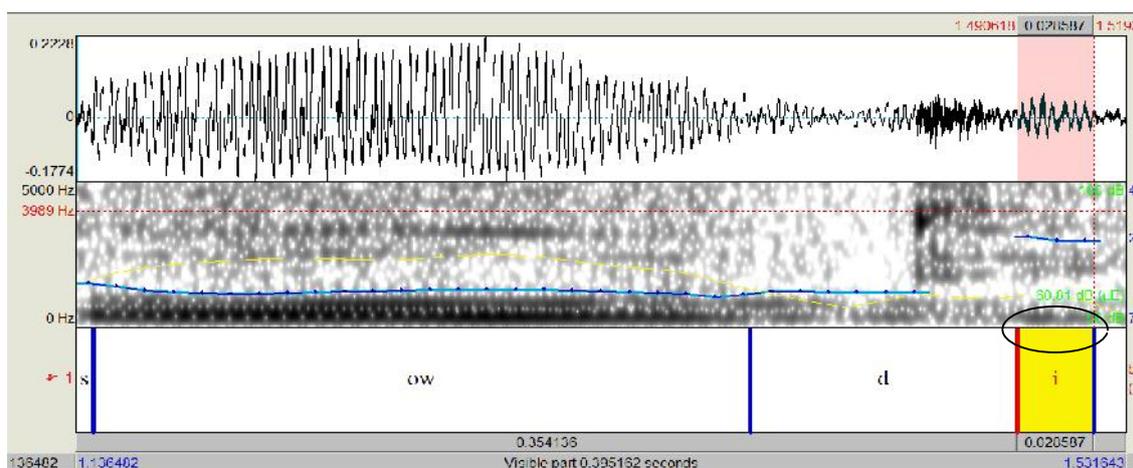


Fig. 2: Produção de *old*[i]- informante 1

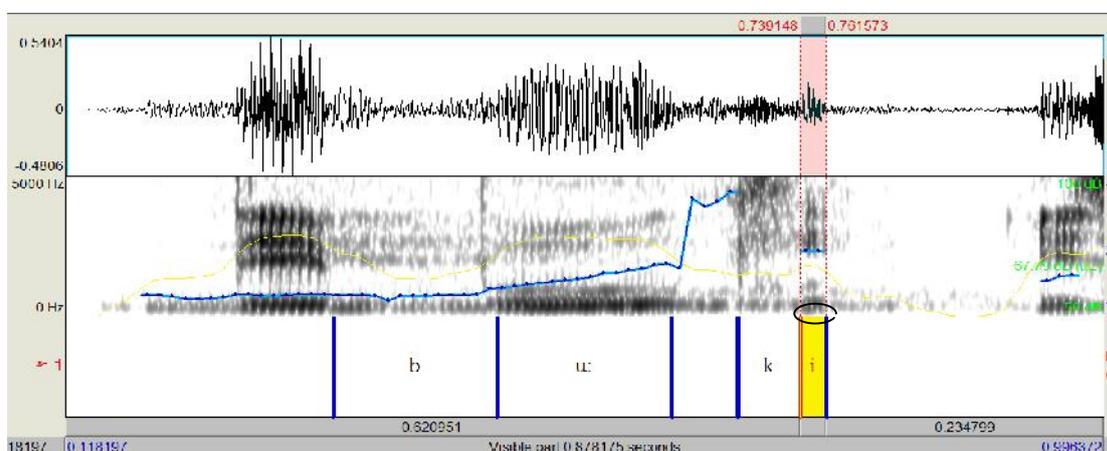


Fig. 3: Produção de *book*[i]- informante 1

Nas fig. 1 e 2 - em *old* e *book* respectivamente - é possível detectar a epêntese da vogal [i] pelos traços formânticos de F1 e F2. Todavia, ocorre ausência da barra de sonoridade para a vogal epentética como mostra a porção inferior do espectrograma. Os valores de duração destas vogais são 28 ms na fig. 1 e 12 ms na fig. 2.

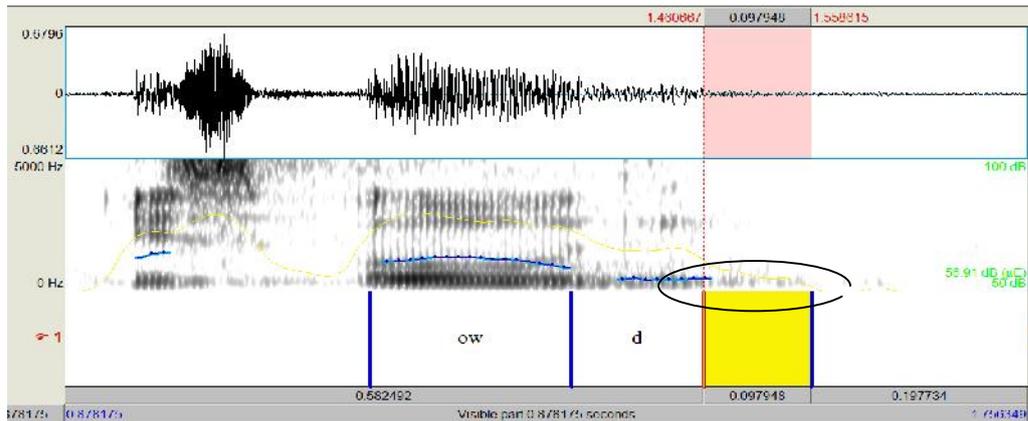


Fig. 4: Produção de *old*[ø]- informante 2

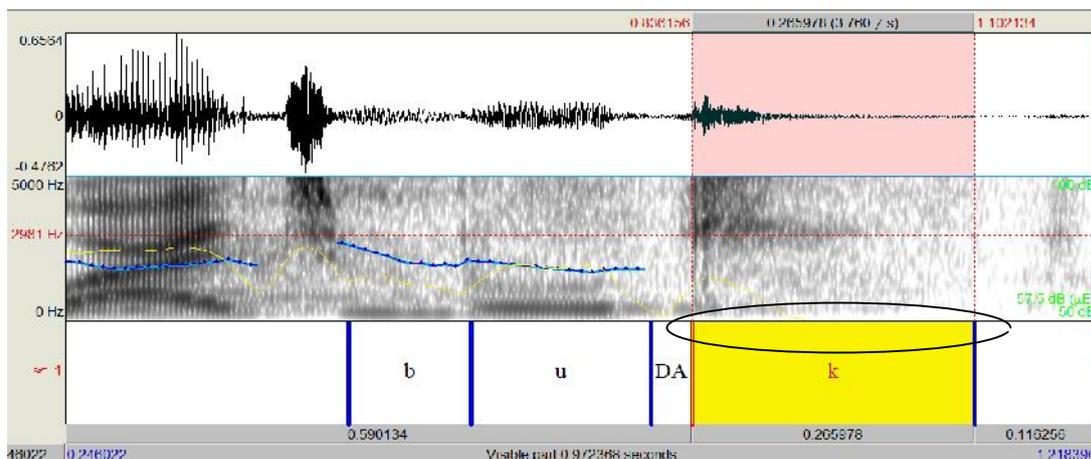


Fig. 4: Produção de *book*[ø]- informante 2

Nas fig. 3 e 4 é possível notar que o informante 2 realiza tanto *old* quanto *book* sem epêntese. Podemos atestar suas produções pela ausência do sinal periódico (forma de onda) e da barra de sonoridade na janela do espectrograma. Na fig. 4, a energia acústica mostrada no espectrograma é de aproximadamente 2900 Hz – características de oclusiva velar surda em coda de sílabas do tipo CVC segundo Ladefoged (1996).

Analisando a Fig. 4 – *book* - percebemos que na transição da vogal [u] para a oclusiva velar [k], ocorre uma desaceleração dos articuladores (DA) de 39 ms para que estes voltem a posição de repouso. Tal fato é apontado pela presença de F1 na janela **DA** e ausência da barra de sonoridade.

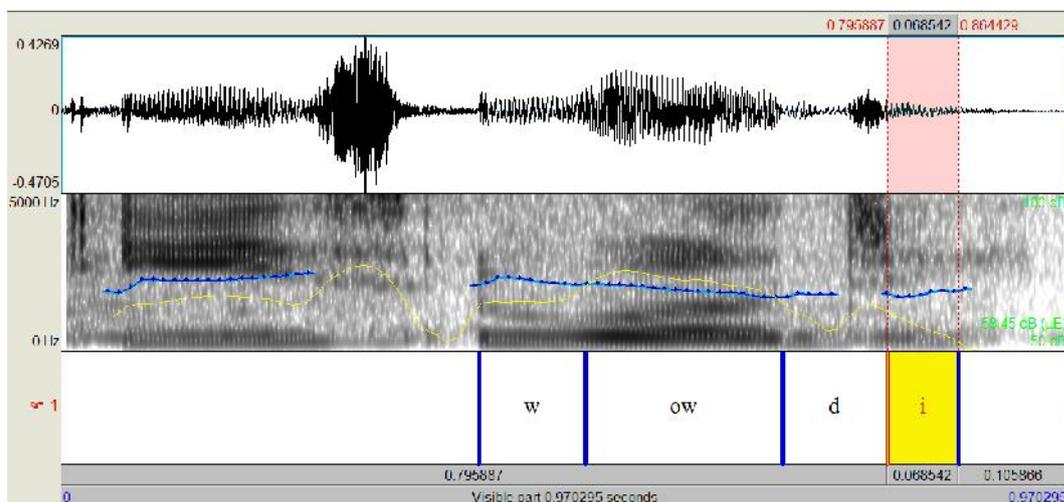


Fig. 5: Produção de *old*[i]- informante 3

Na fig. 5, o informante 3 realiza o léxico “old” como [wodi]. Observa-se no espectrograma que o núcleo silábico começa com um *glide* [w]: uma aproximante bilabial ao invés da vogal posterior arredondada [o]. Neste caso, a vogal epentética é conferida pela produção da vibração das pregas vocais como atesta a barra de sonoridade. Entretanto, os formantes – F1 e F2 – não são claramente formados embora seja possível percebê-los. Isso acontece quando os articuladores estão preparados para produzirem a vogal. É um fenômeno chamado de “*vogal ensurdecida*”. De acordo com Cagliari (2007, p. 100-102) o desvozeamento antes de uma pausa é comum a qualquer estilo de fala. Para o autor, esta vogal é produzida por um estreitamento da glote causando uma fricção glotal que provoca uma ressonância supraglotal, ou seja, nos articuladores do trato vocal. A rigor, este é mais um indício na influência da LM no inglês como L2.

4. CONCLUSÃO

Mesmo se tratando de informantes que nunca estudaram inglês em escola de língua e que são considerados iniciantes (*real beginner*), 40% dos eventos foram realizados sem epêntese vocálica na coda silábica contra 60% com epêntese. Isso

mostra que o desnível entre as produções não se mostra tão agudo como mostram nossos dados em sílabas CVC e VC em que a coda é oclusiva. No tocante à quantificação dos dados, corroboramos padrões estatísticos semelhantes aos de Lucena (2009) em que o peso relativo (PR) para produção de epêntese em coda é de 0,54 contra PR = 0,46 em não-realização.

O manejo utilizado nesta pesquisa pode ser um determinante para o percentual citado. Nas pesquisas já realizadas sobre a epêntese, o julgamento fonético dos dados foi geralmente feito através de uma análise de oitiva, ou seja, perceptual. A vantagem de “enxergar” os dados através do instrumento acústico facilita a identificação de um segmento pelas possibilidades de sua medição.

Sendo assim, podemos apontar como possível solução, que ao invés dos professores de língua inglesa, comecem suas aulas por estímulos ortográfico-lexicais em que se contemplam a leitura & escrita, consideramos a possibilidade do uso do “*listening*” no qual a percepção auditiva seja abordada e, dessa forma, os reparos na pronúncia sejam suavizados.

5. REFERÊNCIAS

- BISOL, L. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado – volume VII: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742.
- BROWN, D. B. *Principles of Language Learning and Teaching*. Third Edition, New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.
- CAGLIARI, Luis Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. São Paulo, Mercado de Letras, 2002.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- LADEFOGED, Peter. *Elements of Acoustic Phonetics* 2nd ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1996.
- LUCENA, Rubens Marques de; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda*. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.
- SELINKER, L. *Interlanguage*. In: *International review of applied linguistics*, n.10, 1972. p. 219-231.